

Costumes, hábitos e o problema da dependência nos escritos de Wollstonecraft

Sarah Bonfim¹

Resumo

Esta apresentação examina o conceito de dependência e sua relação com hábitos e costumes, de acordo com os escritos de Mary Wollstonecraft (1759-1797), particularmente em *Uma visão histórica e moral da Revolução Francesa* (1794). Para explorar o porquê costumes e hábitos sociais podem ser tão prejudiciais, especialmente na vida das mulheres, esta apresentação propõe uma estrutura metodológica baseada nas perspectivas das variadas obras de Wollstonecraft. Começamos com seus primeiros escritos, nos quais a experiência de ser dependente começa a ser elaborada. Para obter uma compreensão mais profunda dessa experiência, proponho uma leitura cronológica de suas obras. O potencial dessa estrutura é então exemplificado por meio de sua análise da Revolução Francesa, com foco nos costumes franceses e em seu impacto na Europa como um todo. Por meio dessa análise, fica claro o esforço de Wollstonecraft em demonstrar que a compreensão dos problemas de socialização das mulheres também passa pelo reconhecimento de que existem questões semelhantes na sociedade em geral. A análise dessa relação estabelecida entre mulheres e sociedades não só esclarece um aspecto importante da obra da filósofa, o questionamento sobre a questão das mulheres, como também revela que ela não estava essencialmente voltada apenas para questões femininas, mas entendia que a condição feminina era um reflexo de um problema social muito mais amplo.

Palavras-chave: costumes, hábitos, dependência, educação.

¹ Sarah Bonfim é graduada em Filosofia pela Universidade Federal do ABC e concluiu o mestrado em Filosofia na UNICAMP. Atualmente, ela está cursando o doutorado, com apoio da FAPESP (processo 2021/02257-5). Sarah contribui ativamente para o grupo de filosofia política da UNICAMP e é membro da New Voices, uma rede internacional de pesquisa focada na história da filosofia, afiliada à Universidade de Paderborn, na Alemanha. O seu percurso acadêmico inclui um período como aluna visitante de doutoramento no St. John's College, Universidade de Cambridge, sob a orientação da Professora Sylvana Tomaselli.

Introdução

Esta apresentação é um breve resumo do que eu produzi durante o meu estágio de pesquisa no St John's College, na Universidade de Cambridge entre janeiro e julho deste ano. Meu doutorado é sobre o conceito de liberdade em Mary Wollstonecraft, a autora da *Revindicação dos Direitos dos Homens e da Mulher*. Meu objetivo, no estágio de pesquisa, a princípio, era comprovar a influência da História da Inglaterra, escrita por Catharine Macaulay, na interpretação histórica feita por Wollstonecraft na análise sobre a Revolução Francesa. No entanto, por falta de evidências textuais que corroborassem essa hipótese inicial, me voltei aos estudos do *Uma visão moral e histórica do progresso da Revolução Francesa*. Nessa obra publicada em 1794, Wollstonecraft faz uma análise do que ela chama dos efeitos que a Revolução produziu tanto na França quanto no restante da Europa.

Durante a pesquisa, há um momento em que a lacuna que abrimos não pode ser facilmente preenchida. No meu caso, a alternativa foi mergulhar nessa obra de 1794 que me levou a conseguir nomear algo que eu já vinha lidando há um tempo: o comportamento, os hábitos e os costumes como estruturadores da dependência feminina. Antes de continuar, um pequeno parêntesis. Eu precisei optar pela interpretação, ainda que momentaneamente, do conceito de liberdade como dependência, a fim de não sair tateando às cegas as obras e os comentários. Dito isso, *Uma visão histórica e moral da Revolução Francesa* me ofereceu os elementos para que eu conseguisse elaborar de uma maneira mais tangível o que eu já desconfiava. O que eu desconfiava? Que Wollstonecraft atribuía à política e à cultura a responsabilidade pela manutenção da dependência feminina.

Meu objetivo hoje é o de apresentar meu trajeto de pesquisa, do momento em que eu abro essa lacuna incômoda e teimosa até a construção do que eu acredito (!) ser um capítulo quase pronto da minha tese. Para isso, eu pretendo começar apresentando minha hipótese que é a seguinte: Wollstonecraft estabelecerá uma relação entre a sociedade e as mulheres, buscando demonstrar que ambas sofrem do mesmo mal que as colocam em situação de dependência. Eu parto dessa hipótese a partir de uma frase que se repete duas vezes na *Revindicação dos Direitos da Mulher*, e eu já conto qual é. Para o meu argumento seguirei o seguinte caminho. Começo pelo que eu acho que seja a conexão entre o que oprime a sociedade como um todo e as mulheres. A seguir, eu passo para formação das primeiras sociedades e a preservação de valores feudais nos séculos XVII e XVIII. Depois, abordo qual o papel do teatro como disseminador de certos hábitos e

costumes. Por fim, faço uma recapitulação, apontando para as lacunas que permanecem na minha pesquisa e adoraria ouvir sugestões e comentários a respeito do que apresentei.

I Costumes e hábitos: um problema

Eu elaboro a minha hipótese a partir de uma frase bastante intrigante que Wollstonecraft repete duas vezes na *Reivindicação dos Direitos da Mulher*. Na primeira ocorrência, Wollstonecraft diz o seguinte:

É hora de efetuar uma revolução nos modos das mulheres – hora de devolver-lhes a dignidade perdida – e fazê-las, como parte da espécie humana, trabalhar reformando a si mesmas para reformar o mundo. É hora de separar a moral imutável dos modos locais (2016, p.67).

Esse trecho eu retirei da edição de 2016 da Boitempo, da tradução feita pela Ivania Motta. No original, a frase é a seguinte: “It is time to effect a revolution in female manners”². O significado da palavra *manners*, a qual eu ainda não achei um equivalente satisfatório na língua portuguesa, é muito mais do que a palavra *modos* indica. A meu ver, baseado no que venho estudando nos últimos meses no *corpus* dos escritos wollstonecraftiano *manners* é um senso comum, produto do que a sociedade espera dos seus componentes e pode ser um conjunto de hábitos e costumes produzidos e reproduzidos de maneira consciente ou não. Dito isso, sempre que eu disser hábitos e costumes, eu gostaria que vocês estivessem com a palavra *manners* em mente.

Por que os hábitos e costumes são tão importantes para mim nesse momento da pesquisa? Por alguns motivos. O primeiro deles é que ao olhar a história, Wollstonecraft, em geral, confere bastante importância aos movimentos sutis que acontecem na sociedade, mas que não receberam a devida atenção. Dito de outra maneira, ela se volta para a miudeza do cotidiano para basear seus argumentos sobre a generalidade de como a opressão se manifesta na vida das mulheres. A obra *Histórias Originais sobre a vida real* é um bom exemplo. E ao que se refere à Revolução Francesa, sua abordagem não seria diferente. Por exemplo, ao retratar a chegada do rei Luis XVI na Assembleia Nacional em 17 de julho de 1791, Wollstonecraft vê na mudança de comportamento da multidão, que saúda o rei com “Viva a nação” e não mais com o costumeiro “viva o rei!” a confirmação de que os tempos mudaram. Além disso, na Reivindicação de 1790 e de 1792, Wollstonecraft destaca como o hábito é reiterado como uma verdade da natureza. O que ela busca incessantemente defender é que a mulher é um ser artificial, ou seja,

² 1993, p. 113

criado com o propósito de servir a um ideal. Na verdade, as mulheres são feitas fracas e irracionais, quando na verdade, seriam tão racionalmente capazes quanto os homens.

A mudança de comportamento observada na população francesa, para Wollstonecraft, sinaliza o começo da superação do feudalismo. No entanto, Wollstonecraft via a civilização europeia (e não apenas a francesa) como parcial. Ela entende que a sociedade comercial dá espaço para que a civilização avance e afaste as sombras do barbarismo. Só que os ganhos da sociedade comercial não foram uniformemente sentidos. Dito de outro modo, se por um lado sociedade comercial estivesse florescendo e permitindo alguns avanços sociais, por outro lado, ainda imperava muitos costumes na corte francesa que demonstravam que o feudalismo estava mais vivo do que nunca. Ao me dar conta disso, à medida que eu avançava no estudo do papel dos hábitos e costumes na dominação social e feminina, percebi que a influência da Macaulay na interpretação que Wollstonecraft faz da história, como mencionei no início, ganhava força.

Alguns anos antes de Wollstonecraft, Macaulay em suas *Cartas sobre a educação*, diz que embora os ingleses demonstrem avanços civilizatórios – tais como o trato econômico com os pobres -, ainda há fortes traços do que ela chama de “estado de barbarismo” e que demonstra a parcialidade da civilização existente na Inglaterra. Ela diz isso porque ainda que os ingleses se demonstrem mais esclarecidos em alguns pontos, ainda mantém costumes bárbaros como é o caso da execução pública. Para a Karen O’Brien (2009), Wollstonecraft parte dessa análise de Macaulay sobre a parcialidade das civilizações europeias, aplicando-a para o caso das mulheres. Mas mais do que isso, Wollstonecraft desembaraça o que une a moral dos costumes e pode ir um passo além de Macaulay, na crítica da história produzida no Iluminismo, especificamente, usando os termos que esse mesmo movimento elaborou (cf. O’Brien, 2009, p. 184).

O que eu proponho para além do que O’Brien já ressaltou é que Wollstonecraft faz essa análise não só no que concerne às mulheres, mas também, às sociedades. A seguir, eu apresento o que me convence a propor esse paralelo entre o que fomenta a dependência entre as mulheres e as sociedades.

Antes de se voltar para uma análise mais abrangente da sociedade, Wollstonecraft se dedicou a analisar o modelo educacional de sua época. Desde sua primeira publicação, *Pensamento sobre a educação das filhas*, de 1786, ela salienta o papel da educação como formação intelectual, mas também como o que Virginia Sapiro vai chamar de

*socialização*³. Para Wollstonecraft, uma educação completa é para refinar os sentidos, formar o temperamento, regular as paixões quando começam a surgir e preparar o conhecimento para trabalhar antes que o corpo chegue à maturidade. Homens e mulheres devem ser educados pelas opiniões, hábitos e costumes [manners] da sociedade em que vivem, pois, a educação tem um caráter familiar de um século específico.

Além disso, uma educação perfeita na visão da filósofa em questão é exercitar o entendimento para que este fortaleça o corpo e forme o coração. Uma boa educação, portanto, é aquela que permite que as pessoas adquiram hábitos virtuosos que os torne pessoas independentes. Ao me deparar com o que educação significa para Wollstonecraft, pude sugerir que a educação possui duas facetas: uma intelectual e outra social. A faceta intelectual é aquela responsável por desenvolver a capacidade de derivar conhecimento a partir de princípios abstratos e racionais. A faceta social, por sua vez, é relativa à sociedade em que se vive, bem como o tempo e o contexto histórico. Ambas as facetas, a intelectual e a social, são importantes. No entanto, a intelectual deve ser predominante sobre a social. No entanto, Wollstonecraft observa que na educação feminina, a faceta social acaba por predominar diante da intelectual. Pode parecer irônico, mas isso resulta na formação de seres *inúteis* socialmente. Inúteis porque são incapazes de contribuir com o aperfeiçoamento racional coletivo. Como são formadas apenas para agradar, as mulheres são incapazes de alcançar virtudes que as farão independentes, ficando limitadas aos hábitos e costumes de uma época, que em geral, são impregnados de preconceitos.

Wollstonecraft observa que essa educação feminina deficitária é proposta por teóricos como Jean-Jacques Rousseau e John Gregory. Eles – e outros teóricos – propõem uma educação que não é devidamente balanceada, pois não forma o coração, não refina o entendimento e muito menos fortalece o corpo. A educação feminina fica limitada à reprodução de hábitos e costumes artificialmente criados. Como consequência, as mulheres se tornam incapazes de racionar por si mesmas, ficando dependentes dos homens. Física e intelectualmente. Nesse caso, o efeito do hábito e da circunstância de como as mulheres são criadas, é tomado como um efeito da natureza.

Essa análise que eu acabo de mencionar feita por Wollstonecraft é realizada na *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, obra posterior à *Reivindicação dos Direitos dos Homens*. Intuitivamente – a questão é saber se com intenção ou não – Wollstonecraft já

³ (1992, pp. 27-8)

na primeira *Reivindicação* começa a delinear o problema da dependência diluído pela sociedade. Nessa obra de 1791, que é uma carta-resposta às *Reflexões sobre a revolução Francesa*, de Edmund Burke, Wollstonecraft ataca Burke em diversas frentes: com relação à propriedade, à monarquia absolutista e ao direito abstrato dos homens. Ao que nos interessa para essa apresentação, vale ressaltar a oposição da Wollstonecraft à defesa que Burke faz da preservação de um certo conjunto de costumes cuja origem remonta aos tempos feudais, conhecido como cavalheirismo – ou *chivalry*, termo que ainda não encontrei um relativo na Língua Portuguesa.

Burke defende que preservar costumes antigos é preservar a integridade da própria Europa. Embora esses costumes sejam provenientes de um sistema econômico e social que não existe mais, o feudalismo, para Burke, foi esse sistema que concedeu à Europa uma identidade distinta em comparação com outras regiões do mundo. Eu cito como Burke define esse cavalheirismo:

Este sistema misto de maneira de pensar e sentimento teve a sua origem na antiga cavalaria. O seu princípio, ainda que variado na sua aparência, pelo estado diverso dos assuntos humanos, subsistiu e influenciou durante uma longa sucessão de gerações, mesmo até ao tempo em que vivemos. Se alguma vez ele se extinguir completamente, a perda, receio, será enorme. Foi isto que deu carácter próprio à Europa moderna. Foi isto que a distinguiu, sob todas as suas formas de governo, e que a distinguiu, com vantagem sua, dos Estados da Ásia e, possivelmente, daqueles Estados que floresceram nos períodos mais brilhantes do mundo antigo. Foi este princípio que, sem confundir as classes, produziu uma nobre igualdade e a fez descer através de todos os níveis da vida social (Burke, 2015, p. 136).

Se para Burke, esse sistema oriundo do cavalheirismo [*chivalry*] foi responsável por preservar uma identidade distinta da Europa, colocando-a um patamar acima de outros continentes, para Wollstonecraft, só se trata de preservar uma tradição que não é mais útil. Esperar que as sociedades se pautem em um sistema relativista de “maneira de pensar e sentimento” para garantir a igualdade em uma sociedade é inaceitável para Wollstonecraft. Recorrendo à história escrita por David Hume, Wollstonecraft demonstra a instabilidade de governos como o de Eduardo III e Ricardo II para provar que apenas o costume não é suficiente para governar.

Um governo bom e justo deve se basear em leis oriundas da razão, caso contrário, não poderá ser considerado como totalmente civilizado, apenas como um estágio de civilização incipiente em que o barbarismo persiste. Além disso, a desigualdade presente em estado que ainda preserva costumes do cavalheirismo é uma constante. Mas diferente de Wollstonecraft, Burke lamenta que a Revolução Francesa ponha um fim a esse sistema do cavalheirismo:

Mas a idade da cavalaria já se foi. Sucedeu-lhe a dos sofistas, dos economistas, dos calculadores e a glória da Europa extinguiu-se para sempre. Nunca, nunca mais nós veremos aquela lealdade generosa à posição social e ao sexo, aquela submissão orgulhosa, aquela obediência dignificada, aquela subordinação do coração, que mantém vivo, mesmo na própria servidão, o espírito de uma liberdade exaltada! (Burke, 2015, p. 135).

A partir da descrição deste acontecimento que envolveu a rainha Maria Antonieta, podemos compreender que o cavalheirismo era um tipo de maneiras, originário de um período específico, e que orientava as pessoas para um comportamento social específico. O que esta citação também demonstra é que Burke percebe que os acontecimentos conhecidos como a Revolução Francesa não são apenas políticos. São também “uma revolução nos sentimentos, nos costumes e nas opiniões morais”. Por outras palavras, o que está em foco é a forma como as pessoas se comportam e o que se espera delas. Para Wollstonecraft, a apreensão de Burke pelo fim desse conjunto de maneiras é o ponto de esperança de mudança.

As cruzadas marcam a consolidação desse sistema de costumes e hábitos conhecido como cavalheirismo. Em um primeiro momento, esse sistema foi o que impulsionou a costumes mais civilizados entre alguns países europeus. Wollstonecraft reconhece o papel das cruzadas na suavização dos costumes durante a época feudal. Nessa época, o progresso do conhecimento útil fosse pouco perceptível, mas o avanço gradual do refinamento tornou-se evidente. Foi durante as cortes de Francisco I e Luís XIV que o “conceito de cavalaria assumiu a sua forma moderna, corrupta e artificial”. Este conceito prevalecente na corte e subsequentemente disseminado na sociedade tornou-se tão significativo que detinha mais autoridade do que a lei. Os problemas surgem quando esta suavização dos costumes é erroneamente tomada como progresso da moral e mantida em uma época em que o feudalismo já não existe.

O cavalheirismo deriva de uma época específica e está contextualizado numa sociedade específica. Levando em conta o que foi dito por Burke, o cavalheirismo foi tomado como um guia moral. Segundo Wollstonecraft, a razão é que deve ser a fonte da moralidade e não os comportamentos e costumes contextuais relacionados com uma sociedade específica. Em outras palavras, o problema não é o cavalheirismo em si, mas a sua perpetuação em uma sociedade que já não corresponde àquela em que este tipo de sistema foi estabelecido.

Em resposta às *Reflexões* de Burke, Catharine Macaulay partilha uma posição semelhante à de Wollstonecraft, e creio que fornece uma explicação mais clara das razões pelas quais o cavalheirismo deve ser superado. O que vem a seguir em termos de hábitos

e costumes deve corresponder aos novos tempos, em que a razão está progredindo. Macaulay afirma em *Observations on the Reflections of the Right Hon. Edmund Burke on the Revolution in France* (1790) que:

Eram, de fato, um remédio adequado para os males decorrentes da ferocidade, da escravatura, da barbárie e da ignorância; mas agora, quando já não existem as causas que as tornavam úteis, devemos antes pensar em libertar a sociedade de todos os males inerentes às falsas noções de honra a que deram origem, do que tentar recuperar o seu espírito em toda a sua força (Macaulay, 2023, p. 281, grifos da autora).

A oposição de Macaulay e de Wollstonecraft ao cavalheirismo deve-se a falsas noções de honra que distorcem a organização da sociedade e, no caso de Wollstonecraft, sobretudo o que se espera das mulheres. A lealdade cega à posição hierárquica deixa de fazer sentido face a um mundo que se insurge contra os antigos modelos de organização social. Para aprofundar o impacto das boas maneiras nas mulheres e no pleno potencial da sociedade, o próximo passo é examinar a forma como os homens se reúnem na sociedade e as suas várias fases.

II Formação das sociedades e a preservação dos valores feudais entre os séculos XVII e XVIII

Wollstonecraft propõe uma história conjectural com o objetivo de explicar as origens das sociedades. Isso é importante quando ela faz a análise dos hábitos e costumes dos franceses em *Uma visão histórica e moral do progresso da Revolução Francesa*. Ela adota os estágios propostos pelos historiadores escoceses, a saber: selvagem, bárbaro e civilizado. Por conta do meu tempo que já corre apressado, eu vou me deter apenas na importância que Wollstonecraft confere à passagem do estágio de bárbaro para civilizado. Essa passagem é gradual e lenta, e é impulsionada pelo desenvolvimento da razão, que é suscitada pelas artes. Não é uma passagem uniforme nem consistente, é frágil e está vulnerável a ataques de outras sociedades predominantemente bárbaras. Como exemplo, ela cita a Grécia e seus avanços na literatura e nas artes, mas que sofreu com as investidas dos bárbaros invasores.

Como pensando por Wollstonecraft, os governos surgem como um acordo mútuo, que tem por objetivo servir como facilitador da convivência. Nesse ponto, eu ainda preciso desenvolver uma boa parte da minha própria argumentação, mas o que posso adiantar é que Wollstonecraft defende que os governos deviam proteger os indivíduos mais fracos, uma vez que a natureza diferencia as pessoas em termos de força física e

mental. Por conseguinte, os governos devem garantir direitos iguais para todos. No entanto, este princípio não está a ser posto em prática por muitos governos, que continuam a centrar-se na preservação dos interesses pessoais.

O conflito entre a manutenção dos privilégios e a garantia das liberdades civis é uma característica marcante da barbárie e da civilidade. Wollstonecraft acredita que esse conflito ganha novas dimensões com a Revolução Americana (1776), a qual propõe um governo estabelecido “com base na razão e na igualdade”. A independência da colônia britânica na América do Norte serve de laboratório para a ciência política, oferecendo possibilidades interessantes de organização social e atraindo a atenção dos pensadores europeus como um potencial modelo para a Europa.

O sistema feudal não é um ideal de governo. Wollstonecraft o vê como uma passagem entre o barbarismo e a civilidade. No feudalismo, a tirania do rei foi compensada por um nível mínimo de tranquilidade. Apesar de o avanço da razão ter sido retardado durante este período, o nível mínimo de tranquilidade revelou-se suficiente para propagar os princípios da verdade nas recém-criadas cidades da Europa. O aparecimento destas cidades facilitou a introdução das ciências e das artes, moldando gradualmente o gosto e a identidade nacional. Na perspectiva de Wollstonecraft, pode-se inferir que o feudalismo era adequado a uma determinada época, servindo como um estágio provisório que precisava ser superado por um sistema posterior, que fosse mais propício ao desenvolvimento humano.

O problema, segundo Wollstonecraft, é que a França não conseguiu sair da fase feudal, o que resultou na consolidação do poder nas mãos do rei e da sua corte. Consequentemente, não só o rei exerceu a sua autoridade de forma tirânica, como também a corte lhe seguiu o exemplo. O que Wollstonecraft salienta é que, durante o reinado de Luís XIV, os profundos valores feudais conduziram a uma corte frívola e inútil ao longo do século XVIII.

Através da análise do comportamento e das práticas sociais, Wollstonecraft defende que a corte francesa, durante os séculos XVII e XVIII, manteve os valores feudais, apesar de esta organização social específica ter sido ultrapassada há muito tempo. O despotismo dominante em França remonta à época feudal e é tão profundo que “pode ser difícil reunir todas as partes da cadeia feudal”. Esta “cadeia feudal” é responsável por justificar o domínio opressivo de sessenta mil nobres sobre os seus dependentes, nomeadamente os mais pobres. Estes costumes, que rebaixam os súditos, foram falsamente rotulados como atos de honra. Mas qual a relação entre o modo como a

sociedade francesa era organizada e como as mulheres são tratadas na sociedade? De que modo o feudalismo impacta a dependência feminina? Na seção a seguir, eu exploro o papel do teatro para moldar o comportamento da sociedade francesa.

III O papel do teatro na disseminação de hábitos e costumes

O entretenimento popular durante a época feudal, como os torneios e as festas marciais, foram gradualmente substituídos pelo aparecimento do teatro. A hipótese de Wollstonecraft é que para além de ser uma forma de entretenimento, o teatro também desempenhou um papel na formação do carácter nacional francês e na disseminação de hábitos e costumes artificiais. As peças escritas durante o século XVII refletiam os costumes prevalecentes e imitavam os maneirismos observados no contexto da época, particularmente os da corte de Luís XIV. Consequentemente, em vez de ser um meio de aperfeiçoamento intelectual, o teatro tornou-se uma plataforma que alimentava a vaidade e a artificialidade. Wollstonecraft menciona especificamente as peças de Racine, um dramaturgo e historiador, que não só divertiam como também divulgavam os comportamentos comumente associados à corte de Luís XIV. Em vez de elevar as capacidades intelectuais do seu público, as obras de Racine, segundo Wollstonecraft, contribuíram para o aumento da artificialidade do povo francês.

A artificialidade inerente à representação teatral estendeu-se também ao domínio da política. Wollstonecraft identifica elementos de teatralidade na conduta política de Luís XIV. Luís XIV executava as suas ações com um "espírito quixotesco", introduzindo assim uma dimensão adicional de cavalheirismo, posicionando-se como uma fonte de orgulho nacional, tanto do ponto de vista estético como comportamental.

No final do reinado de Luís XIV, seguiu-se a regência do Duque de Orleans, aprofundando ainda mais a deturpação dos costumes franceses. O falso refinamento ganha terreno e a importância dada às aparências ultrapassa a dos sentimentos genuínos. Luís XV herdou o poder e os vícios de Luís XIV e do duque de Orleans. Durante este período, a atenção centrou-se no corpo físico, provocando um declínio no desenvolvimento do espírito. As pessoas tornam-se cada vez mais indolentes e o progresso intelectual é atrasado. Wollstonecraft pretende demonstrar como a manutenção das boas maneiras pela nobreza francesa, que serve como símbolo de poder, diminui os próprios nobres. A autora argumenta que estes nobres carecem de qualidades humanas essenciais, como as virtudes, que só podem ser desenvolvidas através da razão. A capacidade de se conformar a um conjunto específico de maneiras é vista por

Wollstonecraft como um símbolo de estatuto social, comparável ao sistema de castas indiano. A nobreza francesa, corrupta e ignorante, distinguia-se apenas pelo seu gosto e comportamento. Assim, o que poderia ser visto como o ponto alto da civilização não é mais do que a perpetuação da barbárie.

Toda essa análise sobre a artificialidade da nobreza, Wollstonecraft faz no *Uma visão histórica e moral da Revolução Francesa*. Mas é importante ressaltar que já na obra anterior, *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, Wollstonecraft relaciona o comportamento das mulheres com o dos nobres. Adam Smith propõe que os nobres possuem um comportamento que busca, a todo momento, a aprovação e admiração de outras pessoas. Wollstonecraft estende isso as mulheres, destacando o impacto que a aparência tem na vida delas, assim como na dos nobres, e os efeitos desse estilo de vida em seu desenvolvimento racional.

IV Considerações finais

Meu objetivo hoje foi o de apresentar uma parte pequena do que fiz durante meu estágio de pesquisa. A hipótese que comecei a investigar lá é a de Wollstonecraft estabelecer uma relação entre a sociedade e as mulheres, demonstrando que ambas sofrem do mesmo mal que as colocam em situação de dependência. Eu pude estabelecer essa relação, ainda passível de uma investigação mais aprofundada, a partir da leitura conjunta da *Reivindicação dos Direitos dos Homens* e de *Uma visão histórica e moral da Revolução Francesa*. Há, no que eu vou chamar de universo wollstonecraftiano, uma gama de temas e problemas que se repetem e vão ganhando diferentes dimensões. No caso da dependência, me pareceu que é um tema que Wollstonecraft vai além do caso das mulheres.

O modo como a sociedade nasceu e se organiza é importante para compreender que é um processo artificial. Digamos que ao artificializar a sociedade, fica mais possível que Wollstonecraft questione costumes e hábitos que sirvam para minorizar mulheres e súditos. Ou seja, a atribuição da artificialidade permite o questionamento de normas e imposições questionáveis – como é o caso da suposta incapacidade feminina para a atividade intelectual.

Por fim, como esse ainda é um trabalho em andamento, as lacunas que eu enxergo são, principalmente, na parte de adaptação do trabalho para a língua portuguesa. Palavras como *chivalry* e *manners* são fundamentais para o meu argumento, mas ainda careço de

uma equivalência satisfatória em português. No mais, agradeço a atenção e fico à disposição para responder as perguntas.

V Referências

Burke, E. (2014). *Revolutionary Writings: Reflections on the Revolution in France and the first Letter on a Regicide Peace*. (I. Hampsher-Monk, Ed.) Cambridge: Cambridge University Press.

Macaulay, C. (2023). *Political Writings*. (M. Skjönsberg, Ed.) Cambridge: Cambridge University Press.

Johnson, C. L. (1995). *Equivocal Beings: Politics, Gender, and Sentimentality in the 1790s Wollstonecraft, Radcliffe, Burney, Austen*. Chicago & Londres: The University of Chicago Press.

O'Brien, K. (2009). *Women and Enlightenment in Eighteenth-Century Britain*. Cambridge: Cambridge University Press.

O'Neill, D. (2002). Shifting the Scottish Paradigm: the Discourse of Morals and Manners in Mary Wollstonecraft "French Revolution". *History of Political Thought*, 23(1), 90-116.

Sapiro, V. (1992). *A Vindication of Political Virtue: the political theory of Mary Wollstonecraft*. Chicago & Londres: Chicago University Press.

Tomaselli, S. (2020). *Wollstonecraft: Philosophy, Passion, and Politics*. Princeton & Oxford: Princeton University Press.

Wollstonecraft, M. (1989). *The Works of Mary Wollstonecraft*. (J. Todd, & M. Butler, Eds.) New York: New York University Press.